

Quem escuta escutadores da natureza? Saúde mental e negacionismos em tempos de crises climáticas

Who listens to nature listeners? Mental health and denialism in times of climate crisis

¿Quién escucha a los escuchadores de la naturaleza? Salud mental y negacionismos en tiempos de crisis climáticas

 **Ariane Fernanda dos Reis Moreira**

Doutoranda em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

E-mail: ariane.moreiraa@gmail.com

 **Maíne Alves Prates**

Doutoranda em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

E-mail: mainealvespratesn@gmail.com

 **Mariana Schubert Lemos**

Doutoranda em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

E-mail: mslemos_96@hotmail.com

 **Moisés José de Melo Alves**

Doutorando em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Docente do Curso de Psicologia Fadergs-Ânima.

E-mail: moser.018@gmail.com

RESUMO

Este trabalho é uma escrita coletiva realizada a partir das questões do campo da Psicologia Social, em sua articulação com a temática das mudanças climáticas. Em meio a gestão neoliberal da vida, foi construída uma narrativa ficcional, quando a personagem Cassandra, atravessada pelas enchentes, permite passagem sobre como os vetores de subjetivação coloniais e capitalísticos posicionam quais corpos podem ser escutados. Assim, através da fabulação coletiva como estratégia de afetação, o texto expõe os negacionismos em sua articulação com as políticas de governamentalidade neoliberal que produzem limites importantes para o trabalho de cuidado psicossocial nos cenários de emergências e desastres. Nessa perspectiva, o artigo tenta fazer ver os inúmeros apagamentos que outras cosmopercepções de mundo sofrem cotidianamente, através de um fazer profissional que se alicerce apenas no saber/poder biomédico ocidentalizado sobre saúde mental, buscando evidenciar a urgência da construção de práticas éticas e políticas ampliadas para a psicologia.

Palavras-chave: Psicologia Social; Negacionismo Climático; Saúde Mental; Fabulação; Cosmopercepções.

ABSTRACT

This work is a collective writing based on issues in the field of Social Psychology in relation to the theme of climate change. Against the backdrop of neoliberal management of life, a fictional narrative was constructed in which the character Cassandra, affected by floods, illustrates how colonial and capitalist vectors of subjectivation determine which bodies are heard. Thus, through collective storytelling as a strategy of affectation, the text exposes denialism in its articulation with neoliberal governmentality policies that produce important limits to psychosocial care work in emergency and disaster scenarios. From this perspective, the article attempts to highlight the countless erasures that other worldviews suffer daily through professional practices based solely on Western biomedical knowledge and power concerning mental health. The article seeks to emphasize the urgent need to develop more inclusive ethical and political practices in psychology.

Keywords: Social Psychology; Climate Denialism; Mental Health; Fabulation; Cosmoperceptions.

RESUMEN

Este trabajo es una obra colectiva basada en cuestiones del campo de la psicología social en su relación con el tema del cambio climático. En medio de la gestión neoliberal de la vida, se construyó una narrativa ficticia en la que el personaje de Cassandra, afectada por las inundaciones, permite comprender cómo los vectores de subjetivación coloniales y capitalistas determinan qué cuerpos pueden ser escuchados. Así, a través de la fabulación colectiva como estrategia de afectación, el texto expone los negacionismos en su articulación con las políticas de gubernamentalidad neoliberal que producen límites importantes para el trabajo de atención psicosocial en escenarios de emergencias y desastres. Desde esta perspectiva, el artículo intenta poner de manifiesto los innumerables borrados que sufren a diario otras cosmovisiones del mundo, a través de una práctica profesional que se basa únicamente en el saber/poder biomédico occidentalizado sobre la salud mental, buscando evidenciar la urgencia de construir prácticas éticas y políticas ampliadas para la psicología.

Palabras clave: Psicología social; Negacionismo climático; Salud mental; Fabulación; Cosmopercepciones.

Silencia o Sopro

*Silencia o Sopro
Foi só um sonho
De tanto tempo
Que nem estranho
Sentar na pedra
Sentir o vento
Ouvir os pássaros
Dançar com o tempo
Que vai, volta, rodopia!
Qual a mandinga?
Qual a feitura?
O tato do mundo^[1] me convoca*

^[1] Nos estudos de Oyěwùmí (2002), explica a lógica cultural do ocidente através de uma cosmovisão sintetizando a concepção do mundo por aquilo que se pode ver, ler e registrar, em oposição à concepção do povo Iorubá, por exemplo, que traz uma cosmopercepção onde um ou mais sentidos para além da visão são levados em consideração. Nogueira e Alves (2020) na mesma linha de Oyewùmi apontam para diferenças culturais que permitem falar sobre visão de mundo, odor de mundo, tato de mundo, audição de mundo.

*A olhar para leitura
Distorcida de um mundo
Que destrói...
Procurando cura
Que constrói
Mas, a natureza tritura.
Silencia o Sopro
Foi só um sonho
De uma parente que estava aqui muito antes de mim
Ela estava com o corpo coberto de tinta
Olhando para mais uma vertente de água poluída
Enquanto seus olhos transbordavam água límpida
Insuficiente para salvar os peixes.
Nós não sentimos falta dos parentes distantes...
A não ser por poucos instantes
Até a próxima notícia nas redes sociais.
Que nos faz sensíveis aos desastres naturais
Noticiados pela Internet
Arrastando pra cima o que não nos serve mais.
Silencia o Sopro
Foi só um sonho
De uma terra tão quente
E que o ar é bem pouco
Não existe mais árvore
Nem sombra nos morros
O pulmão da terra está morrendo
Enquanto morremos aos poucos
Aos poucos?
Será?
Deixe o Sopro vir e verá
A quantidade de guardiões da terra que morrem
Em nome da modernidade má
Mas...
Por quanto tempo?
Quanto tempo?
Quanto o tempo o tempo tem
Para nos darmos conta
De que se a natureza morre, morremos também?
Quanto tempo o tempo tem
Pra entendermos que a fratura^[2] da natureza está na colonização também?
Quanto tempo o tempo tem*

^[2] Malcolm Ferdinand (2022).

(Poema próprio)

4

que o vidro a permitia enxergar por entre aquelas gotas de chuva que disputavam corrida do lado de fora. Havia um cheiro de concreto molhado salpicado com um leve toque de terra úmida no ar. Este último poderia ser agradável, pensou Cassandra, se não fosse por essa mistura de terras, a da natureza, e a das construções, que já se compunham com outros produtos demasiado artificiais. No entanto, esse cenário já lhe era familiar para um dia chuvoso.

No caminho, notou também a construção de mais um centro de compras ao lado de onde ela ia para ver o seu filme. “Nossa, mais um? E na beira do lago assim? E se alagar?”. Cassandra já estava começando a ter pensamentos catastróficos. Algo que a *psicologia moderna* provavelmente acusaria de “intrusivo”, “disfuncional” e, mais especificamente, o “catastrófico” propriamente dito. O que mais chamou a atenção de Cassandra nesse dia foi que o Rio Guaíba estava muito cheio, como nunca tinha visto. E foi aí que seu pensamento catastrófico virou uma pergunta catastrófica, quase uma interação catastrófica. Estava sentada próximo ao motorista, mas preferiu perguntar ao cobrador do coletivo para evitar qualquer mal-estar:

- Nossa, eu nunca vi o Lago Guaíba tão cheio. Será que ele vai transbordar? Será que ele vai *invadir* a pista?

Era uma dúvida real de Cassandra e ela esperava uma resposta sincera do cobrador, pensou que ele, por aparentar ter pelo menos uns 30 anos a mais que ela, parecendo estar perto da casa dos 50, teria vivido o suficiente para ter visto algo assim acontecer. Contudo, logo o motorista atravessou o diálogo que nem havia iniciado, outra vez, de maneira abrupta, tão rápida, como uma negação, em seus vários sentidos:

- Não, não, isso não acontece, jamais, guriazinha, isso é coisa de Hollywood.

Cassandra se calou e fingiu acreditar. Era acostumada a fazer isso toda vez que a achavam “exagerada” e “louca”^[4]. Infelizmente estava acostumada a não ser levada a sério desde muito cedo. A resposta do motorista não tinha um tom de tranquilidade, o “não” era na verdade um “não quero pensar nisso” e “você é louca e exagerada”. Assim, não sabendo muito bem o que estava sentindo após mais uma aspereza comum ao sucateado transporte, decidiu pegar os fones em sua bolsa para se distrair de tantas falas e falácias, escutando mais vozes. O filme ainda estava distante e como aprendeu naquela semana com a supervisora da nova empresa em que foi alocada no jovem aprendiz: “tempo é algo que não pode ser desperdiçado”. Naquele momento, queria escutar música, talvez Emicida, mas optou por um *podcast* de entrevista indicado pela moça — que era pouca coisa mais velha que Cassandra, mas já ocupava o posto de *trainee* — sobre como essa natureza de estratégia financeira de deixar dinheiro na poupança havia se tornado um negócio obsoleto, ou algo do gênero. Quem sabe assim conseguia calar os seus pensamentos... aquele sopro constante em seu ouvido que insistia em lhe instigar a questionar sobre o que está acontecendo com a natureza.

Já haviam se passado duas estações desde aquela primavera brava que Cassandra vivenciou. Cassandra já podia sentir a umidade em suas bochechas, já não sabia mais se suas roupas lavadas ainda estavam molhadas ou úmidas, e já era obrigada a lavar seu banheiro com mais frequência antes do mofo fazer parte do ambiente. Parecia mais um outono úmido, nada demais. No entanto, algo a afligiu quando ouviu a notícia de que a região que sua família, no interior, há centenas de quilômetros de onde morava, tinha recebido a maior quantidade de água do mundo naquele dia, e diversas pessoas ficaram ilhadas, incluindo sua própria avó. “Calma, Cassandra, daqui essa água desce, não é como se você não tivesse vivido boa parte de sua vida em uma região que enfrenta alagamento todos os anos e não soubesse o que é isso, não é como se *o céu tivesse caindo*”^[5], pensou, ou melhor, tentou pensar, precisando convencer a si mesma.

Por mais que tentasse pensar que era mais um dos seus *exageros* que ninguém prestava atenção, Cassandra sentia que tinha algo diferente. Viu notícias de outras regiões do Estado que o

^[4] Valeska Zanello (2018).

^[5] David Kopenawa e Bruce Albert (2015).

céu também parecia estar caindo. Já tinha entendido, pelas notícias das subidas dos rios próximos, que o Guaíba subiria. “Será que dessa vez invade a cidade?”, “não, não, isso não acontece jamais, guriazinha”, tentou fingir que acreditou naquela resposta atravessada de um dia muito chuvoso, afastando quaisquer desses pensamentos apocalípticos.

Seriam os pensamentos de Cassandra intuição, ou seria paranoia? Difícil dizer, já havia sonhado com água invadindo tantas vezes, cada vez sua mãe dava um significado diferente que já nem sabia mais se seus pensamentos eram reais ou não.

Silenciou novamente o sopro em seu ouvido...

Lembrou-se dos seus sonhos, em que olhava pela janela e via um azul infinito e claro na altura de seu parapeito, acordava empolgada e contava tudo como se aquilo lhes fosse uma grande revelação. Era como se conversasse com a água, como se pudesse escutar o rio em seus sonhos e as poucas horas que conseguia parar para ouvi-lo. O rio costuma lhe soprar segredos aos ouvidos desde muito cedo e Cassandra sempre buscava um jeito de respondê-lo, seja por cartas escritas e colocadas no barco todo dia 2 de fevereiro ou escritas que fazia à beira do Rio contando seu dia e seus desejos e os entremeando nas areias... sempre na esperança que o rio lhe ouvisse e trouxesse retornos. “Afinal o rio está aqui há muito mais tempo que eu, minha avó e todas nós”, pensava ela.

- Somos apenas a gota do Rio Maior que já estava aqui antes de nós. Foi isso que ouviu das suas tias mais velhas.

Ela aprendeu que nossos ancestrais, os nossos mais velhos, viveram experiências que ainda não sentimos com esse corpo e, por isso, é importante lembrá-los e se comunicar com eles. Só que para ouvir o rio precisa respirar com calma, precisa soltar qualquer outra preocupação, observar cada sutilidade de vento sobre a pele descoberta, precisa se olhar com todos os sentidos!

- Não me lembro ao certo como aprendi a ouvir o rio, não é como se alguém tivesse me ensinado, apenas observei outras pessoas que também conversam com rio e disponibilizam suas ferramentas para ouvi-lo.

Nesse intenso solilóquio, Cassandra não conseguia comer, realizar suas tarefas ou dormir há pelo menos uns 2 ou 3 dias. Não sabia mais contar os dias, todos pareciam iguais, não parava de ver as notícias e *monitorar*^[6] o nível da água divulgado pelo município. “E se chegar ao nível máximo e chegar aqui, será que tenho que sair de casa? Para onde eu vou?”. Para tentar se afastar de seus pensamentos mais catastróficos, resolveu ligar para sua amiga Sophia, que a conhecia desde a infância. Sophia não morava, nem conhecia Porto de Muralhas, mas ela sabia muita coisa, e sempre sabia o que falar para Cassandra se sentir melhor. Depois de Cassandra ter relatado toda sua angústia, o receio de ter que sair ou não de casa, de se ficaria ilhada, imaginar por quantos dias seria e em quais condições, da sua dificuldade de dormir, Sophia falou:

- É difícil mesmo, Cassandra, mas tente dormir, não vai adiantar você estar cansada.

Sophia costumava saber e ter razão. No entanto, dessa vez Cassandra tinha certeza que Sophia não sabia. “E se a água subir e chegar aqui enquanto durmo?”, não conseguia desligar seus pensamentos supostamente *disfuncionais*, ou sabia que o mundo não poderia girar ao seu redor, afinal também havia escutado que não poderia se deixar dominar por sintomas narcísicos do dia a dia, como aprendera no último *briefing* de sua empresa — é como o local que trabalha chama a *newsletter* sobre saúde mental que os ditos colaboradores recebem toda segunda-feira. A verdade é que Cassandra sempre foi muito conectada com a natureza. Aprendeu isso com seus avós, no interior. Eles escutavam os ventos, sentiam a terra, conseguiam entender a agitação dos pássaros e, como poucas pessoas, ela foi aprendendo - e, depois, desaprendendo - a traduzir o céu. Cassandra com o passar dos anos foi deixando de lado sua conexão: “é bobagem!”, “deixa de ouvir seu avô que ele está caduco!”, “a previsão do tempo diz tudo!”

Essas entre outras frases foram acompanhando seu crescimento, mas lá no fundo ela sabia

^[6] Ailton Krenak (2019).

dessa conexão e se afastar dela a deixou doente. Fez com que ela acreditasse realmente que seus pensamentos eram intrusivos e que sua conexão era loucura. Quando criança era “bonitinho” para os adultos quando Cassandra fazia previsões de chuva, granizo, geada ou seca. Mas, conforme ia crescendo, o que era “bonitinho” se tornou estranho, depois bizarro, depois... louca... A voz, a intuição e tudo que Cassandra sentia de conexão com a natureza se transformou em um velho, teimoso e insistente sopro em seu ouvido. “Silencia o sopro, Cassandra!” Dizia ela para ela mesma.

Desde nova já tinha “problema de nervos” como sua mãe dizia. Entre avaliações e atendimentos psicológicos na escola e as muitas e muitas ritalinas que precisou aprender a gostar do gosto, Cassandra foi entendendo que as vozes das folhas das árvores, os batimentos cardíacos do chão e a sensação de angústia que sentia nos pássaros era tudo consequência de “ser nervosa”. A verdade é que desde a primavera passada Cassandra já sabia... Cassandra *sentiu o rio* e ele dizia que era o momento de retornar ao seu lugar de origem. Tentou ter essa conversa com pessoas próximas, nos últimos meses, que não a levaram a sério. Os poucos que tentavam validar as suas preocupações diziam: “te acalma, gurria, o muro segura! Impossível o rio chegar a esse nível! Sem chance! O rio não será maior que o muro!” Cada vez que Cassandra ouvia falas como essa sobre o Rio, recordava dos, hoje, fracos cabelos brancos de seu avô. Lembrava-se das lições que ele ensinava sobre a natureza fazer parte das pessoas, e, especialmente da última conversa em que o velho estava com as unhas todas cheias de terra, tal qual a sua surrada camisa aberta. Foi um entristecido tom de lamento porque as pessoas estavam cada vez mais longe da natureza destratando-a, invalidando sua importância, naturalizando as pequenas catástrofes naturais que já vinham acontecendo como ventanias, alagamentos, queimadas nos morros, vazamentos de resíduos tóxicos... E, em um momento de epifania lembrou de uma frase que seu avô já dizia há anos “*a natureza está doente!*”.

Essa memória a arrebatou! A tempestade agora se fazia em seus olhos. Ali, teve a constatação que também estava doente como a natureza, porque se afastou dela e agora se vê ansiosa e angustiada porque a natureza está doente! Sentia uma mistura de culpa, ressentimento, tristeza e raiva, mas, apesar dessa mistura de sentimentos, sentia que, de alguma forma, estava voltando a se reconciliar com ela. Enquanto as pessoas pensavam em como conter essa fúria monstruosa do devorador de cidades e lares, Cassandra só conseguia pensar em como ajudar o rio que agonizando pedia socorro.

Foi nesse preciso instante que, de tão cansada, adormeceu, mesmo imersa na crise de informações que conflitavam nos grupos de whats e no rádio que estava conectado ao vivo na TV da sala. Não foi um longo cochilo. Estava deitada no tapete da sala de jantar de seu apartamento, com um álbum de fotografias aberto na página que trazia dois retratos, uma grande araucária na foto esquerda e o início da construção de um imenso açude ao lado direito. Fazia companhia nessa cena o seu gato de estimação, o Alface. Estava frio e o que ela mais queria ter era uma lareira como a dos filmes americanos, ou aquela que tinha na sala da diretora da empresa — que segundo os funcionários mais antigos, jamais havia sido utilizada, era só “pra bonito”. Ali, recostada no bichano que lambia a caneca de chá de erva cidreira, começou a sonhar com a casa de seus avós.

O pátio estava diferente e o açude, no sonho, finalmente tinha sido concluído, mas estranhamente não era com aqueles grandes paralelepípedos, mas sim completamente forjado por uma densa e comprida camada de concreto. Ali, pensou em sonho: “como que o vô deixou ser desse material?”, não faz muito sentido, ele bem sabe que pode romper, a água não escoar com uma calha assim, e se romper? Segundos se passaram e a sua doce avó, com uma mão de um preto bem claro, muito mais jovial — não estava com as habituais marcas da passagem do tempo que sua memória lhe permitia recordar - encostou em sua nuca, silenciando aquele espanto.

- Filha, vem fazer feijão, vão precisar!

Cassandra riu, será que era uma festa da família, ela olhou ao fundo da imagem e foi tomada por um susto. O fogão a lenha idoso jamais daria conta, pois eram sacas e mais sacas de feijão e arroz que estavam estocadas, e, atrás da edícula havia ainda mais uma caçamba de caminhão, à

espera do reboque. Ela não sabia ao certo, mas parecia que se tratava daqueles serviços de saúde móveis que a prefeitura disponibiliza quando é ano de eleição. Aquele cenário, seguia não tendo grande explicação, não deveria ter carreta humanitária no interior, ainda mais com o piso meio encharcado que, ali, começou a sentir sob seus pés desnudos. Buscando algo que fizesse um pouco mais de sentido, olhou novamente para a avó que agora estava, sem grande esforço, virando a saca de 50kg de feijão em uma gigantesca panela, daquelas das merendeiras, cheia de água. No entanto, o que mais a estranhava era a vestimenta, a avó combinava um velho vestido de petúnias arroxeadas, com o seu típico lenço amarrado na cabeça, um avental de material reciclado e uma bota de construção civil que vinha até a altura do joelho, parecia por qualquer motivo desconhecido que ela iria precisar entrar no açude para salvar alguém.

- Filha, vem fazer feijão, vão precisar!

Ao tentar se aproximar das tinas cheias de feijão ao molho, tropeçou em uma pequena barquinha em que o antigo azul claro já contrastava com a madeira envelhecida. Ali, com um leve sorriso, socorreu do chão a memória de quando tentava conversar passeando com a mãe das águas pela oficina que ficava ao lado daquela peça em que sua avó trabalhava. O vô raramente era mal falado por suas excentricidades, mas esta era uma que toda a comunidade de forma unânime o repreendia, porque como a avó naquele dia, todos os domingos bem cedo colhia madeira na floresta — sempre pedindo licença aos encantados — para fazer essas pequenas embarcações, e quando confrontado rapidamente afirmava: “vão precisar!”. Todo mundo ria, uma vez que não era apenas em janeiro essa preparação, mas todos os finais de semana, sem exceção. Quando não estava lidando com a terra, era com a água, até a cor fazia questão, sempre um belo azul anilado, uma vez que iriam precisar de barcos, muitos barcos, era o que sempre se escutava.

Cassandra mesmo já tinha participado da confecção de muitos daqueles barquinhos. Porém, os dela secretamente continham mensagens escritas no interior do casco, afinal intentava se comunicar com “aqueles que precisavam”, só não sabia exatamente quem, se eram humanos, peixes, galhos ou folhas, marés ou ventanias. Quando ficou um pouco mais adulta, beirando a sua primeira menstruação, um pouco antes de se mudar para a capital Porto de Muralhas, na segunda pela manhã quando o avô saía para o trabalho, sorratamente grafou a seguinte frase, endereçada a natureza:

- Mãe, lembra de nós quando o céu cair!

Ela adorava a chuva, embora a sua avó não permitisse que ela brincasse no açude em construção quando o céu começava a ficar revoltoso. Era só olhar para a revoada no dia anterior, dizia, em conformidade com seu marido que assistia e assentia escondido debaixo do chapéu de palha, ao tomar um gole de chimarrão. “É verdade, se os pássaros terminam a sua jornada de trabalho mais cedo, amanhã não vai dar pesca”, confirmava de forma vagarosa e despreocupada.

Curiosamente, aquela grama molhada que sentia na planta dos pés passou rapidamente a causar incômodo em Cassandra, porém na altura do joelho. Ela olhou para baixo, afastando um pouco a barquinha e riu, pois agora pode se ver dentro de uma espécie de caixa d’água cheia de feijão fradinho. Era uma água um pouco mais viscosa e sem conseguir se mover, por uma força que não sabia identificar ao certo. Certamente apenas concluiu que era paralisadora, de modo que suspendeu esse incômodo imóvel e resolveu se voltar para a tarefa de encontrar o que dizia no interior do barco - só ela sabia como encontrar. Assim, ao lado da caixa d’água pensou em solicitar a avó, mas esta já não aparecia em seu campo de visão, até cogitou em gritar por ajuda, mas a curiosidade era tamanha que deixou de estranhar aquela água que não parava de subir. Dessa forma, se espichou e em cima da mesa conseguiu puxar uma faca de cortar cebola para poder usar como alavanca para abrir a placa de madeira em que ela escondia as mensagens, fazendo com que os preguinhos se desprendessem após certo esforço. Para sua surpresa, quando finalmente pode encontrar com o papel envelhecido, surgiu os seguintes dizeres:

- Cuida, vão precisar voltar ao trabalho o quanto antes!

Acordou com um enorme susto. Alface ao tentar espantar um bem-te-vi que atrevido havia pousado na soleira da janela buscando abrigo, silenciosamente em um pulo só usou a perna de Cassandra como trampolim. Além do cutucão sentido, o movimento do bichano acabou por derramar o todo o chá esquecido, de modo que o seu joelho esquerdo ficou em misto de umidade suja, num sabor de cidreira e alface, uma vez que estavam bem na época de troca de pelos. Ainda despertando, soltou um grito raivoso com o bicho, reclamando pelo tapete novo - tinha acabado de parcelá-lo na amizade com o dinheiro que estava ganhando como aprendiz. O pobre, assustado, saiu correndo, aparecendo tempos depois com aquela carinha de quem aprontou. Voltando da cozinha com papel toalha, resolveu escrever as mensagens que tinha lido nos sonhos, algo bastante corriqueiro, mas que a correria do dia a dia havia lhe roubado.

Assim, de posse do rolo que estava acabando, rumou para o seu quarto precisando acender as luzes, mesmo sendo o meio da tarde, o dia continuava acinzentado, mas bem mais escuro associado ao barulho da pancada de chuva que debatia alto com o telhado. Quando bateu a mão no interruptor, logo pode perceber que a mancha de mofo que estava relutando em olhar havia dobrado de tamanho e que esta tarefa não poderia mais se furtar a realizar, “não há mais desculpas, Cassandra!”. Contrariando essa constatação doméstica, ali, abriu o baú ao lado de sua mesinha de cabeceira, guardou o velho álbum que fazia tempo que precisava voltar para o seu local de segurança, dando um beijo na sua foto predileta, a viagem que haviam feito em família para a festa de Oyá. Pousando-o ao lado de sua saia vermelha, logo puxou a caderneta das frases soltas, como chama a sua coleção de citações. Fazia tempo que não voltava aos livretos dos sopros, seção que destinava ao caderno das intuições que tinha ganhado de uma irmã - desde que passou a se desdobrar entre escola e trabalho parece que a espiral estava cada vez perdendo fôlego.

Ela deixou de colocar data nas citações, mas a sua excêntrica mania a chamou atenção. Quando abriu a caderneta, foi direcionada de forma inesperada para a cena do último sonho que estava ali descrito. O título, parece brincadeira, trazia assim:

08-12 – Doente A Natureza “Tá”

Estava grafado com uma caneta vermelha, mas sublinhado de um amarelo ouro cheio de glitter — nem se lembrava mais das canetas cor de gel que tinha recebido de presente de sua tia quando passou no colégio técnico. Na verdade, fazia tanto tempo que ela não percorria essas memórias que não sabia se tinha sido um sonho, ou se foi uma gira que a mãe tinha lhe compartilhado. A mãe de Cassandra que tinha saído fazia algumas horas para ir ao mercado comprar mantimentos, voltou à sua preocupação como num sopro. Foi, naquele momento, que realmente despertou de vez daquela soneca da tarde, o coração voltou a bombear de forma desordenada, afinal, tá chovendo muito, cadê a mãe? “Te acalma, guria... tu anda muito atucanada” pensou, escutando o cheiro do perfume de dona Alzira nessa frase.

Para tentar ordenar um pouco mais esse caos que estava assaltando o seu sistema de luta e fuga, pegou o livreto e foi para a sala, onde estava o seu celular e as vozes da TV farfalhando ao longe. Sentou no sofá, abrindo a mochila para anotar o sonho que acabou de ter para afastar os pensamentos ruins. Mutando a televisão, pode ler:

08-12 – Doente a natureza “tá”

O que estão fazendo com as calhas dos nossos rios? O que estão fazendo nas nossas matas? Por que se separa humano, natureza e pensamento?^[7] A natureza é recurso, só se for de vida.

^[7] Mazama (2009).

Doente a natureza tá, doente a natureza vai curar, doente a natureza vai encher, com banho a natureza vai curar. No meu espelho dá pra ver, é cinza, é ouro, é chuva. Até português quindim virou ... até português quindim virou.

Cassandra, nesse instante, gelou. Recobrando os sonhos, disse em voz alta para si mesma: “Silêncio! Silêncio, não vai encher, não vai ... O muro segura. Silêncio. E como se fosse uma mágica, ou alguém segurando a sua caneta, escreveu:

30/04

Mãezinha, por favor, lembra de nós quando o céu cair ... vem fazer feijão, vão precisar ... vem fazer feijão, vão precisar ... não vai ter barco pra todo mundo ... não vai ter barco ...

Naquele instante, escrevendo meio desconexa, escutou Alface fazendo algazarra com seus miados anunciando que a mãe estava de volta. Assim, em um piscar de olhos, sentiu as pupilas ficarem iguais às do alface quando brinca de caçador, fechou o caderno e rapidamente o escondeu debaixo da almofada do sofá. Em fração de segundos, estava ajoelhada sobre o tapete para secá-lo, buscando evitar mais uma briga relacionada ao seu estimado animal - sua mãe, mesmo que adore dormir abraçado com o ronronante, diz que é mais uma responsabilidade de Cassandra que ela não cumpre, assim como todas as outras tarefas de cuidado com as coisas de casa.

No entanto, obviamente, não deu tempo. Assistindo aquela cena, sua mãe rapidamente, com um tom de poucos amigos ao ter enfrentado horas e horas no supermercado, parecia que toda a cidade havia resolvido estocar comida ao mesmo tempo:

Não acredito, guria, você vai ter que voltar a trabalhar o quanto antes. Não entendo esses serviços que é só dar uma chuvinha que já fecham. Amanhã, eu vou ligar para o seu serviço, não interessa que seja feriado. Agora tem até um nome bonito né, sua supervisora me disse mesmo que eu tinha que te levar para ver o seu TDA não sei o quê.

Quando terminado esse esbravejar, Cassandra acordou como num sopro, mas, agora, com uma imensa dor de cabeça, com seu corpo farfalhando junto com o sacolejar do ônibus. Ali, colocou a mão na têmpora, para ver se o líquido que sentia não era um corte misturado em suas tranças que acabara de fazer. Para sua sorte, não era espesso, tampouco quente ou avermelhado. Havia acabado de passar por mais um dos inúmeros velhos buracos no asfalto que a levavam ao shopping. Neste, para a infelicidade de nossa estimada, com o solavanco recebeu uma enorme pancada do vidro que como boa trabalhadora lhe servia de travesseiro. Ao finalmente abrir os olhos e conseguir focar a visão, o senhor a sua frente tentava alcançar um lenço, dizendo:

- Essa juventude está mesmo perdida, fica a noite inteira na internet, nem se liga mais para os ventos e a chuva. Tu dormiu e nem viu que a janela estava aberta, tá tudo enferrujado guria, nem consegui fechar pra ti.

Cassandra, com bastante dor de cabeça, meio confusa e com o trançado na cor amarela ensofado, só conseguia pensar: ué, será que eu perdi o filme?

Cassandra precisa alcançar as memórias, mas o tempo as escondeu, o mundo se escondeu dentro do tempo ou da falta dele. Nos tempos em que conversava com o Rio, com o vento e com o Mar, ela se sentia mais feliz. Imaginava que se estivesse mais atenta aquilo tudo poderia ter sido evitado, quanta arrogância pensar que ela poderia alterar o curso da história de Porto-Muralha.

O tempo parece ter passado rápido, Cassandra acordou mais uma manhã agradecida pela oportunidade de existir, saiu para o trabalho em direção a parada de ônibus, como de costume, e observava as árvores, sentia o vento, enquanto o Sol dava seus primeiros sinais no horizonte.

Colocou seus fones de ouvido e os deixou no mudo, esperava não ter que conversar com ninguém no caminho e não escutar o barulho da cidade acordando, hoje havia dado a sorte de conseguir um lugar na janela e teve a oportunidade de observar o Rio calmo e longe, ainda escuro devido ao distanciamento do Sol. Observou uma placa que outrora já havia notado na beira do Rio que dizia: “Cuidado! Águas profundas e impróprias para mergulho.” Pensou que aquele bem poderia ser um aviso sobre suas próprias águas, que agora transbordava pelos olhos enquanto ela questionava em pensamento se a inundação realmente havia ocorrido. E, se sim, por que parece que ninguém se lembrava disso além dela?

Referências

- Almeida, S. A. de, Carvalho, R. N. de, & Silva, R. A. N. da. (2024). Contribuições dos saberes indígenas para a reterritorialização da psicologia social. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 41, e230068. <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/rNN6BCTLDryPsFpcpqhY4fh/?lang=pt>
- Glissant, E. (2021). *Poética da relação*. Rio de Janeiro, Brasil: Bazar do Tempo.
- Kopenawa, D., & Albert, B. (2015). *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo, Brasil: Companhia das Letras.
- Krenak, A. (2019). *Ideias para adiar o fim do mundo* (2a ed.). São Paulo, Brasil: Companhia das Letras.
- Mazama, A. (2009). A afrocentricidade como um novo paradigma. In E. L. Nascimento, *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora* (pp. 111-127). São Paulo, Brasil: Selo Negro.
- Nogueira, R., & Alves, L. P. (2020). Exu, a infância e o tempo: zonas de Emergência de Infância (ZEI). *Revista Educação e Cultura Contemporânea*, 17(48), 533–554. <https://mestradoedoutoradoestacio.periodicoscientificos.com.br/index.php/reeduc/article/view/7149>
- Oyèwùmí, O. (2002). Visualizando o corpo: teorias ocidentais e sujeitos africanos. In P. H. Coetzee, & A. P. J. Roux (Orgs.), *The African Philosophy Reader* (pp. 391-415). New York, United States: Routledge.
- Zanello, V. (2020). *Saúde mental, gênero e dispositivos: Cultura e processos de subjetivação*. Curitiba, Brasil: Appris.

Contribuição dos Autores

Conceitualização: A. F. R. M.; M. A. P.; M. S. L.; M. J. M. A.
Redação do manuscrito: A. F. R. M.; M. A. P.; M. S. L.; M. J. M. A.
Análise dos dados: A. F. R. M.; M. A. P.; M. S. L.; M. J. M. A.
Revisão e edição: A. F. R. M.; M. A. P.; M. S. L.; M. J. M. A.

Submetido em: 17/08/2025

Aceito em: 14/12/2025

Como citar:

Moreira, A. F., Prates, M. A., Lemos, M. S. & Alves M. J. M. Quem escuta escutadores da natureza? Saúde mental e negacionismos em tempos de crises climáticas. *Rev. Polis e Psique*. 2026, 16: e026003.

Financiamento:

Não houve financiamento.